

ÊXTASE AMOROSO E LIMITE EXTREMO

O Salão de Erotismo de Paris denominado *Eropolis* ou *Kamasou* se realiza no Parque das Exposições de Paris – Le Bourget, nos dias 25 e 26 de março de 2017. Aí um comércio de “sex toys”, de roupas íntimas e uma programação que inclui várias zonas como:

- Zone 1 - + 16 anos / espetáculos de strip-tease integral de homens e mulheres;
- Zone 2 - + 18 anos / encontros sexuais – X femininos, shows X masculinos, as estrelas do X, lésbicas, DVD X;
- Um espaço dedicado unicamente a mulheres é acessível com entrada gratuita;
- Um espaço de strip-tease seja privado ou individual ou ao grande público;
- Um espaço *gogobar* com as mais belas dançarinas *gogo*;

O programa ainda oferece ducha sexy, cama do amor, sexo mecânico de rodeio, strip-tease corpo a corpo, teatro pornô lésbico.

Talvez a forma de veiculação do erotismo tenha mudado ao ser aberta e escancarada ao grande público, visível na internet ou em eventos e, claro, com um enorme marketing em cima dela. Contudo, através dos séculos, o exercício e desfrute do erotismo sempre existiu em todas as camadas sociais, para homens e mulheres, ainda que de forma mais censurada e velada. Na literatura e nas expressões artísticas abundam estes relatos.

Michel Foucault no seu livro *A História da Sexualidade* trata do fato de que ainda atualmente, “a imagem imperial puritana está inscrita na nossa sexualidade reprimida, muda e hipócrita”. Segundo ele, por séculos, a prática sexual franca, com mínima necessidade de segredos e censura, aos poucos e prioritariamente a partir do século XVII, tendo seu extremo no século XIX, gerou códigos que a regulava como obscena, rude, indecente e pecaminosa. O sentimento de culpa passou a dominar o exercício da sexualidade por séculos. Segundo ele, foi aí que nos assuntos sobre sexo o silêncio tornou-se a regra e apenas casais <<legítimos e procriativos>> eram aceitos pela hipocrisia imperante na sociedade.

Para Foucault existe uma ligação íntima entre poder – *conhecimento* – *sexualidade*. A liberação da sexualidade é uma transgressão. Ela provoca uma transgressão de leis, de proibições, uma eclosão de falas, de ressignificação do prazer dentro da realidade e, como consequência, exige uma nova economia e um novo mecanismo de poder. Então, a repressão sexual estaria ligada ao advento do capitalismo no século XVII. A liberação sexual iniciada no século XX, com a eclosão de duas guerras mundiais e o advento da pílula, iria exigir e desencadear uma nova relação entre *poder* e *sexo*, e esta subversão desafiará os poderes do homem sobre a mulher; das famílias sobre seus familiares; das instituições sobre as relações entre pessoas e traria necessariamente novas leis.

Desta feita, o erotismo eclodido e que passou a ser vivido sem limites, exposto e acessível a quem quisesse, trouxe promessas que jamais poderá cumprir: a felicidade; a liberdade; a liberação total dos costumes; o prazer múltiplo e ilimitado; a total ausência de compromisso; o exercício do individualismo radical com total despreocupação com consequências; a suprema bem-aventurança do ser humano; o poder se considerar acima da lei. Foucault advoga a tese do desfrute total, do <<limite extremo>> seja no sexo, na orgia, na bebida, nas drogas, incluindo a experiência do sadismo, do sadomasoquismo. Neste último, ele compartilha as ideias do Marques de Sade. Mesmo o niilismo e morte são

válidos no exercício deste prazer sem limites. Aqui ele compartilha muitas das ideias de Sartre.

A noção de sexo reprimido ou totalmente liberado e seu exercício erótico não é apenas uma questão de teoria ou de prática da liberdade que a pessoa tem sobre o seu corpo físico e o direito de usá-lo a seu bel prazer. Michel Maffesoli traça considerações muito relevantes sobre este assunto no seu livro *Homo Eroticus*. Dentre elas, ele se refere que o exercício do erotismo também se inscreve em uma necessidade de volta ao que de mais primitivo o homem tem inscrito em si: seus instintos básicos. Além das formas eróticas mencionadas no início deste texto, o erotismo é exercido e vivido exacerbadamente, individualmente ou no coletivo na ação: seja ela na vida social, econômica, política ou de entretenimento, mesmo que estas expressões não se autodenominem eróticas, ex.: manifestações nas ruas, o consumismo, o uso abusivo de poder das instituições públicas ou privadas e de seus representantes, a ganância, as ideologias levadas ao extremo, as guerras, os shows de música ou os campeonatos esportivos. Seus efeitos construtivos e destruidores são facilmente evidenciados. Martin Heidegger comenta sobre o fato “da humanidade passando pela nacionalidade e chegando à bestialidade”.

O regime *poder – conhecimento – prazer* é parte do mundo. O erotismo vivido em qualquer época é parte deste jogo sem que os sujeitos dele se apercebam. Apenas os que controlam o poder, sabem muito bem como instigá-lo e para que fim. Foucault já anunciava que mesmo sexualidade sendo parte do mundo, a questão central não concerne se devemos dizer sim ou não à sexualidade, se formulamos proibições ou total permissividade. Ainda sobre o eco das ideias de Foucault, isso nos indica a necessidade de, cada vez mais, não nos tornarmos simples presas de uma pseudo forma de liberdade que nos toma e aprisiona sem dela nos darmos conta, mas de nos perguntarmos: 1) do que estamos falando quando falamos ou vivemos nossa sexualidade?; 2) como descobrir quem está ditando as regras (pois elas sempre existem e são ditadas, ainda que por anônimos) a que estamos consciente ou inconscientemente submetidos?; 3) onde nos colocamos nisso tudo?; 4) que forças institucionais são aí operativas ainda que de forma oculta?; 5) quem estoca e distribui as ideias e com que fim?; 6) que canais de poder estão por trás disso?; 7) como o prazer é divulgado e controlado sobre cada indivíduo ainda que de forma mascarada?; 8) o que eu quero com as sexualidades polimorfas? (CIS hétero – homo; TRANS).

Homo Eroticus: o homem é erótico por natureza. É o erotismo que permite o êxtase. Esta manifestação veemente do sistema límbico, que herdamos de nossos antepassados mais primitivos e sempre regulados por estímulos recebidos de fora tem uma bússola que sempre nos avisa sobre o positivo ou o negativo de cada experiência que vivemos.

Mas por último e nem por isso menos importante, vale lembrar que há uma ligação dos instintos e de nossas raízes. Os encontros eróticos aportam algo de ritualístico, sejam eles profanos ou sagrados. Como humanos que somos, sempre precisamos do ritual e do sagrado. Esta volta à origem também traz em si uma necessidade intrínseca do humano de contatar um elã vital, de voltar ao mais íntimo de si mesmo, de contatar aquilo que é do âmbito da *arché* – no sentido de se conectar com aquilo que se repete, que perdura, que tem continuidade, que unifica, que é essencial, eterno. Aí é que a confusão se instala. E a confusão colocada é que a grande parte das manifestações eróticas se reduzem ao âmbito de prazer imediato, que se encerra com o encerramento do rito vivido, sem deixar rastro do perfume, da integração e liberdade que ainda veladamente impulsiona a sua busca. Sem erotismo a vida não vale a pena de ser vivida. Mas que exercício erótico traz uma descarga ou uma recarga? Nada a negar ou rejeitar. Tudo a perceber, compreender e escolher.